

*Discurso na solenidade de inauguração
da última unidade geradora da usina
hidrelétrica Rosana*

ROSANA, SP, 19 DE AGOSTO DE 1996

Senhor Governador de São Paulo, Mário Covas; Dona Lila; Senhor Governador do Estado do Paraná, Jaime Lerner; Senhor Governador do Mato Grosso, Wilson Martins; Senhor Ministro de Estado das Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhor Ministro de Estado das Comunicações, Sérgio Motta; Senhor Vice-Governador Geraldo Alckmin; Senhores Parlamentares aqui presentes; Senhor Secretário do Estado de Energia, David Zylbersztajn; Senhor Presidente da Companhia Energética de São Paulo, Andrea Matarazzo; Senhores Prefeitos; Altas autoridades que aqui se encontram; Senhores Deputados; Senhoras e Senhores;

Ao inaugurarmos esta unidade energética, aqui, em Rosana, ouvimos as palavras do Governador Mário Covas, que mostra o empenho da CESP, dos seus funcionários, dos seus diretores, dos seus trabalhadores, reduzido em pessoal e aumentando a produção. Ao ver o programa desenhado pelo Governador Mário Covas para acrescentar maior capacidade geradora no Estado de São Paulo e nos estados vizinhos – não nos esqueçamos de que estamos aqui no Paraná, que, segundo o Governador, é o estado mais inundado por todas

essas represas – e ao saber das perspectivas que se abrem, de Porto Primavera, onde, naturalmente, com o Governador Wilson Martins e com as necessárias compensações a Mato Grosso, nós vamos levar adiante um projeto de acrescentamento da capacidade geradora do Brasil, vejo que, com passos seguros, com passos firmes, com passos renovados e com mais economia, sem corrupção, com capacidade de trabalho, com pensamento no Brasil, com o apoio do empresariado e dos trabalhadores, nós estamos levando adiante aquilo que é o sonho dos brasileiros, que é um país que, além de ter estabilidade econômica, cresce, cresce para produzir mais, cresce para gerar empregos e cresce, sobretudo, para que nós possamos ter as condições de uma sociedade mais justa e mais igualitária.

Freqüentemente eu tenho dito que nós devíamos acrescentar ao nosso lema de “Ordem e Progresso” o lema “Justiça e Progresso”. O progresso está aqui, o progresso é este Brasil que por todos os lados se vê que está dando passos firmes: Xingó, onde estivemos inaugurando uma unidade geradora forte também; Itaipu, cujo Presidente, Dr. Scalco, aqui se encontra: nós vamos acrescentar capacidade geradora a Itaipu – Itaipu que, nesses momentos em que, muitas vezes, se fica calculando qual vai ser o potencial energético diante da estiação, nos tem salvo a todo instante; e nós vamos continuar batalhando para ampliar a capacidade geradora de Itaipu.

Há enorme quantidade de concessões de energia elétrica. Basta dizer que, outro dia, numa reunião do Ministério, eu disse que nós tínhamos feito 30 contratos de concessão, e o Ministro Brito me corrigiu. Foram 70 contratos, Governadores, 70 contratos de concessão, o que significa um acrescentamento da capacidade produtora do Brasil através de contratos em que a própria iniciativa privada se responsabiliza pela geração de energia: os produtores independentes.

O fato de que estados como Mato Grosso do Sul e Mato Grosso dependem agora de uma energia que não pode ser mais apenas hidrelétrica faz com que tenhamos que utilizar também o gás, para produzir energia termoelétrica. O Ministro Raimundo Brito, em breve, se encontrará com o Governador, que esteve conversando comigo há

poucos dias sobre a possibilidade de aproveitar o gás que existe no Rio Grande do Norte, para nós transformarmos esse gás em energia no Rio Grande do Norte. Enfim, a transformação de todo este país aponta claramente um rumo, que é o rumo certo, o rumo do desenvolvimento. Não tenho dúvida alguma quanto a isso.

Ainda recentemente, numa reunião ministerial – essa mesma em que o Ministro Brito me corrigiu; outros ministros me corrigiram também, e não estava lá o Ministro Sérgio Motta, que esse, quando fala, são tantos milhões que eu fico assustado, e são verdadeiros, na parte de telefonia –, nós mostramos que há, pelo menos, 42 projetos. Pelo menos. São muitos mais, são 1.500 no conjunto da ação federal; são 1.500 projetos que têm significado marcante para o Brasil, mas 42 nós dimensionamos para mostrar um Brasil que confia nele próprio, um Brasil que caminha, e que caminha com descortino, vê o horizonte, não é um Brasil que vai, naquela trapalhada da inflação, da corrupção, da mão para a boca e, às vezes, do bolso de outros para o bolso de quem não devia ter dinheiro nenhum porque está roubando. Isso acabou, quer dizer, nós vamos eliminar e não vamos deixar também que volte.

Não é por arrogância presidencial, dos governadores ou dos parlamentares: é por exigência da sociedade brasileira, que sabe que, para que o lema “Justiça e Progresso” se possa cumprir, é preciso acabar também com os abusos, com a corrupção, com os privilégios. É por isso que eu luto por reformas. Continuarei lutando, e vamos fazê-las – porque são reformas para permitir que o povo que não tem acesso a nada possa ter acesso; que os excluídos possam realmente participar – sem demagogia, mas com tranquilidade e com firmeza.

Agora, aqui, ao vir a São Paulo, nas mãos do Mário Covas, com esse Secretariado, com essa capacidade empresarial aqui representada pelo Andrea Matarazzo, pelo David, ao ver este São Paulo que desde 1982 plantava aqui no Governo Montoro a semente do que, hoje, aqui, estamos colhendo o fruto completo, ao terminar esta usina, o que é que nós vemos? Nós vemos um Estado que foi encontrado em situações precaríssimas e que hoje se repõe, graças à energia do Gover-

nador Mário Covas e de seus colaboradores, com o apoio prestante dos seus deputados. Eu saúdo o José Aníbal, que é Líder do PSDB lá na Câmara Federal, que tem dado esse apoio prestante. Ao saudá-lo, saúdo todos os deputados que compõem a maioria que está levando o Brasil para um rumo mais tranqüilizador para as famílias brasileiras, para os trabalhadores brasileiros, para a classe média brasileira.

Há dificuldades? Há imensas, imensas. Nós encontramos um país que era como se fosse um queijo suíço, cheio de buracos – faltava quase tudo –, sem capacidade de, até mesmo, pensar quais eram os seus problemas. Agora, pelo menos, é um país que sabe quais são seus problemas, que se mobiliza, que muitas vezes atropela, pede o que, às vezes, não se pode dar, mas é normal, porque pelo menos é um país que está sacudindo a poeira, que deseja avançar. É um novo país. Esse novo país, em breve tempo, será sentido por todos os brasileiros. Já é sentido lá fora. Os governadores que participam de perto do Mercosul sabem o que significa o Brasil no contexto do Mercosul e o que significam os nossos irmãos de outros países para nós próprios, nesse contexto do Mercosul.

Quando viajo, e viajo com alguma freqüência, verifica-se a mesma coisa. Se eu não viajasse, não significaria, porque não haveria possibilidade de mostrar o que é este Brasil novo e o entusiasmo que ele desperta lá fora. Só este semestre, primeiro semestre deste ano, nós tivemos um investimento direto maior que nos três últimos anos, só num semestre.

Este ano, é possível que fechemos o ano com mais de 8 bilhões de reais, ou de dólares, em investimento direto. Há três anos, tínhamos 1 bilhão e muita desconfiança. Há três anos, eu era Ministro da Fazenda. Tínhamos que negociar a dívida externa lá fora de pires na mão e não tínhamos capacidade nem sequer de encontrar algum apoio nos organismos internacionais, que não acreditavam na capacidade dos brasileiros, tal tinha sido o desastre feito pela inflação e pelos desatinos políticos, é bom dizer também, que realmente desmereceram o povo brasileiro. Hoje não, hoje nós temos um reconhecimento externo bastante tranqüilizador, e todos sabem que o País tem

capacidade produtiva, que o País vai continuar num rumo definido, porque está entregue, não digo ao Presidente, mas a um povo que se organizou e que sabe escolher – não importa aqui e ali –, no seu conjunto é um povo que sabe discernir o rumo.

E é isso que eu vim ver, hoje, aqui no Paranapanema, entre São Paulo e Paraná. Mais adiante, estaremos em Mato Grosso também, na fronteira, em toda parte, com o mesmo espírito, que é um espírito de confiança. E essa confiança repousa, em grande medida, na capacidade técnica instalada no Brasil, que é o nosso maior recurso, é o recurso humano.

E, por isso mesmo por aí termino, Governadores – porque não quero abusar do direito da palavra –, por lhes dizer que este conjunto, este programa que nós estamos realizando, essas obras, elas têm significado porque, junto a elas, nós estamos fazendo uma revolução branca na educação deste país. Passei o sábado discutindo a educação superior e a ciência e tecnologia, porque, no que diz respeito à educação fundamental, à escola primária, os números já estão claros. Hoje, já existem recursos que se dão diretamente às diretoras das escolas, faltando, portanto, os sistemas administrativos e de poder. E os recursos vão ser, do ano que vem em diante, distribuídos não só pelo diretor da escola, mas pelo conselho de pais e mestres, porque é assim que se democratiza a distribuição de recursos.

Há em marcha, no Brasil, uma revolução branca na educação. Estamos reformando o ensino profissional e técnico, e começamos agora a grande batalha pela autonomia das universidades. Autonomia com responsabilidade, porque autonomia sem responsabilidade todo mundo quer, mas não adianta, atrapalha o País. É autonomia com responsabilidade, sabendo quais são os recursos definidos e aceitando o encargo de fazer com que a universidade, que sempre foi o celeiro do talento no Brasil, que permitiu que houvesse essa grande transformação, continue a ser isso e aceite o desafio de uma economia mais competitiva, de uma situação mundial que exige atenção muito maior ao investimento no material humano.

Na saúde, da mesma maneira, lutei o que pude para conseguir um imposto um tanto desagradável – chama-se imposto, não é voluntário, por isso é desagradável. Tem efeitos negativos? Tem, sim, mas não havia alternativa, ninguém apresentou uma alternativa. Ganhamos. Só virá em dezembro. Mas começamos a equacionar, e eu farei um empenho imenso para que a questão da saúde, como a da educação, realmente ganhe a preeminência que é necessária neste país. E preeminência significa recursos à disposição da comunidade e que não sejam desperdiçados nem pela burocracia, nem pelo clientelismo, nem pela corrupção.

De modo que, com esse sentimento, que é o sentimento patriótico de todos nós, brasileiros, com a convicção de que temos capacidade de escolher as prioridades, de que temos persistência para seguir um caminho e de que sabemos que, ao materializar uma obra como esta aqui, importantíssima, de Rosana, nós estamos dando um passo que vai permitir, também, um acrescentamento no que diz respeito à área social da dignidade do brasileiro e da brasileira, eu não tenho dúvida de que o lema “Justiça e Progresso” é o lema do futuro.

Muito obrigado aos senhores.